

quatro lápides, tendo fracturado algumas quando as arrancavam. Todas elas estavam numa fossa com menos de dois metros quadrados de superfície. Haviam feito com lápides funerárias romanas, a base, os lados e a cobertura de um sepulcro. Ainda no mesmo local as alavancas tocam mais pedras, entre as quais ainda se encontram as partes dos fragmentos já saídos e o respectivo proprietário já foi avisado para não tornar ao local, sem que seja acompanhado de pessoa competente para orientar as escavações e poder-se fazer uma observação concreta sobre o assunto.

Dê qualquer maneira, é um achado de estelas funerárias não frequente, pois já saíram sete e ainda lá estão mais. Não há dúvida que certos locais da terra de Miranda foram intensamente romanizados. Duas Igrejas foi um deles.

Duas Igrejas, 30 de Abril de 1977.

ANTÓNIO MOURINHO
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

O queijato das barbas de Quintã (Campeã-Marão)

O *queijato*, corrupção de cajato ou cajado, é um bordão, pau de carvalho com moca do raizeiro no topo inferior, que, como veremos, é símbolo de autoridade na fiscalização do perímetro florestal comunitário da pequenina aldeia de Quintã. É chamado *das barbas*, por ter, tanto em baixo como em cima, tufos de crinas de cavalo postos em cruz (Figs 1 e 2).

A Quintã é uma pequenina aldeia, actualmente com quarenta fogos, agasalhada pelas sombras do soberbo Marão.

Alcançou a independência como paróquia civil e religiosa há dois séculos. Para isso, reza a tradição que, nesses tempos, se deslocou a Roma um ascendente meu, Damázio Martins Barreiro, cujo nome se encontra gravado, para eterna memória, na base da cruz que está plantada no adro da igreja, junto da porta principal. Foi a pé, e diz-se que levou um ano a ir e vir.

Esta minúscula freguesia é formada apenas pela aldeia de Quintã.

Está encastoadada no extremo leste da veiga planáltica do concelho e distrito de Vila Real. Gozou de bem merecida fama e foi invejada, através dos tempos, pelas aldeias circunvizinhas.

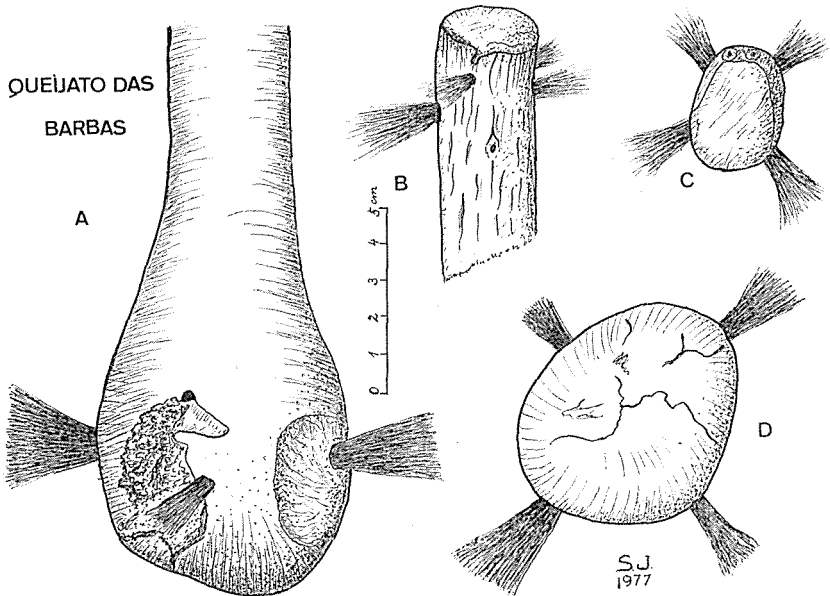


Fig. 1 — Extremidade inferior (moca) tôpos superior e inferior do «queijato das barbas» de Quintã (Marão), concelho de Vila Real, Trás-os-Montes.

A gente dessas aldeias, em sentido pejorativo, chamava, e ainda hoje chama, *calçonicos* aos de Quintã.

Já nas outras aldeias os homens usavam calças, os de Quintã continuavam a usar os velhos calções de alcapão.

Daí o chamarem-lhe *calçonicos*, designação que ainda hoje se mantém, e ao que os de Quintã respondem de pronto:

Calçonicos de Quintã,
Tanto pobres como ricos,
Já todos usamos calças,
Já não somos calçonicos.

A Quintã foi muito invejada pelas aldeias circunvizinhas.
E porquê?



Fig. 2

Pelos seus campos mimosos e suculentos, pela bastante daquele punhado de lavradores que jamais conheceram a fome, mas que sempre foram poupados; pela sua forma de vida em comunidade cerrada, com estreitos laços de sangue e na defesa comum dos mesmos interesses.

Ali desconhecia-se a geira ou salário. Ainda há poucos anos trabalhavam em verdadeiro comunitarismo, todos por um e um por todos.

Baptizados na mesma pia, casados na mesma igreja, labutavam pelo mesmo pão, repartindo-o igualmente por quantos pedintes ali vinham, quer de perto quer de longe, conhecidos ou desconhecidos.

Em todas as casas havia a *malga dos pobres* e o *prato dos pobres*, para com eles repartir o pouco ou muito que houvesse à hora da refeição.

Já não é do meu tempo a existência da vezeira, pastoreio em conjunto das ovelhas e cabras de todos os vizinhos. Mas bem ciente estou das *retadas* ⁽¹⁾ do moinho da Barroca, da água da levada torna-a-torna, das partilhas da água da Fonte e das poçadas da água das duas minas da Candorga e da poça do Brandufe ⁽²⁾.

(1) A *retada* do moinho do povo é o dia, o meio dia ou as tantas horas que tem cada vizinho para moer o seu cereal. A *retada* normalmente é de um dia. No entanto em razão de partilhas familiares, a sorte subdividiu-se e em alguns casos é apenas de duas ou três horas.

Retada significa geira ou meia geira e não se aplica somente ao moinho.

(2) A propósito conta-se que determinada mulher useira e vezeira a roubar lenha junto da *Poça do Brandufe*, foi ali apanhada, no rapinango, por um vizinho de Quintã empunhando o *queijato das barbas*.

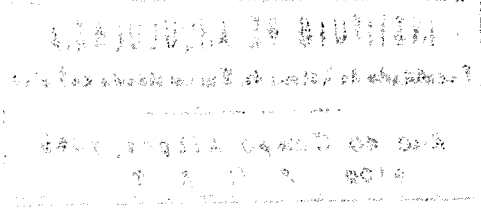
Este investiu a gatuna da lenha atemorizando-a para que não voltasse a devastar a mata do *Monte do Povo*.

A mulher amedrontada pediu clemência.

O homem pôs como condição beber a água toda a jorrar da nascente. — Bebes a água toda quanto nasce e depois deixo-te ir embora.

A mulher bebeu duas ou três vezes boas tarraçadas, mas a água continuava a nascer como se nada fosse. O homem insistia — Só te deixo ir embora se beberes a água toda. A mulher lá foi bebendo mais uns golitos até mais não poder. Como a insistência do homem persistisse a mulher lamentava-se e desatou num choro desesperado. Quando o homem viu o caso amadurecido deixou-a ir em paz.

O caso é histórico e, o certo é que a mulher emendou-se.



Mas o brio e a honra da gente da minha aldeia está na mata frondosa e linda que a circunda e quase a envolve, constituindo a sua coroa de glória.

As matas de carvalhos são já coisa rara em todo o Trás-os-Montes. Algumas que ainda existem ocupam o sopé dos nossos montes e agasalham-nos as culturas. A folhagem dos carvalhos é considerada como o estrume mais mimoso que a terra consome.

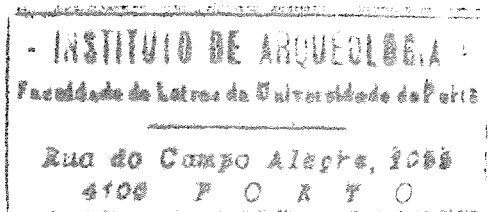
As nossas matas de Quintã eram, e são ainda hoje, lugar de encanto e poesia.

Ali há recantos de excelsa beleza, onde nem falta a nascente de água pura nem as lendas de moiras encantadas. É a Malhada de Vaqueiros e o Coto, a confinarem a leste com Torgueda, S. Miguel da Pena e com o *minaroco* da Tapada dos da Eira; são os Brandufes, onde aquela água pura e com fama de medicinal vai cantando a sua canção eterna, correndo por entre os musgos, escondida entre freixos, carvalhos, castanheiros, bidoeiros e pinheiros, num abraço fraterno de toda a flora, como que reunida em concílio naquele paraíso terreal, sob a autoridade e o respeito daqueles musgos velinhos, seculares.

Ali, em pleno verão, a frescura da sombra é um regalo nas horas da sesta. Aquele arvoredado com as suas barbas velinhas, respeitáveis, é a honra daqueles lavradores, que lhe prestam culto sagrado, dando-lhe amizade, respeito e cuidado na sua defesa.

Mais para cima vê-se a mancha verde escura dos pinheiros, como quem prolifera à *lagordaça*; geração nova, mas há muitas décadas começada, povoamento de uma Junta de Freguesia, modelo de ideais, com a mira no progresso, olhando para o futuro, com a certeza de que viriam a ser, em nossos dias, as miragens que os nossos velhos apenas sonharam.

Quintã foi e é um exemplo com o seu baldio, a que sempre ouvi chamar *O Monte do Povo*. É exemplo pela defesa dos carvalhos espontâneos e pelo povoamento total da área de que dispunha.



Por isso o povo criou regras que vêm sendo cumpridas através de muitas gerações.

Sem ordem não pode haver progresso.

Sem zelo não se defendem interesses.

O *Baldio de Quintã* foi aproveitado, primeiramente em parte e agora totalmente.

O que se fez?

Desde há muitas dezenas de anos o povo obrigou-se a proteger os carvalhos que nasciam espontaneamente.

Quatro vezes por ano, uma em cada estação, o baldio fornece uma leira de mato a cada família. Vai uma pessoa de cada casa, faz-se a demarcação dos lotes que, no fim, são sorteados por numeração. Cada um toma conta da sua leira. Há a preocupação de fazer com que as leiras sejam de igual valor.

Uma vez no ano, no princípio dos grandes gelos faz-se uma partilha de lenha na *Mouta*, onde é abundante o carvalho e a urze.

Foi nesse lugar que principiou a obra de fomento paroquial. Em ano incerto, resolveu-se que, para enriquecimento do baldio, cada morador deixasse dez ou doze carvalhitos, dos melhores, em cada uma das leiras.

Como a rotação da partilha da lenha é completa no ciclo de sete anos, durante esse período o terreno ficou povoado de carvalhos, a que passaram a chamar *velhos*.

Daí em diante seria punido severamente todo aquele que se atrevesse a cortar um só carvalho velho, aquando da partilha da lenha.

Alguns anos foi determinado, para maior aproveitamento e enriquecimento do *Monte do Povo*, que cada morador deixasse mais alguns carvalhos novos.

Depois fez-se a sementeira de um pinhal para benefício público a noroeste da povoação. Ficou a denominar-se o *Pinhal do Povo*.

Dali saiu o primeiro corte, com belíssimos exemplares de pinheiros bravos, para sobradar e forrar a igreja paroquial.

Depois a Junta foi semeando alguns bocados, e a acção da natureza completou a florestação do nosso monte.

A ACÇÃO JURÍDICA DO QUEIJATO DAS BARBAS

Como já dissemos, as matas, quer as particulares quer as comunitárias, do *Monte de Quintã*, foram e são motivo de inveja para os vizinhos e orgulho dos naturais.

Há povos ali à roda onde a lenha é escassa. Antes da emigração maciça para França os roubos nas nossas matas eram diários e numerosos.

Por essa razão, desde há muitos anos, foi criado um sistema de policiamento das matas. Cada vizinho é obrigado a ir o seu dia, em rotação constante, vigiar os ladrões, evitando o desbaste e protegendo a nossa riqueza florestal.

Com o rendimento da nossa floresta, só da parte baldia, fez-se a pavimentação da rua a cubos, reconstruiu-se o cemitério e doirou-se toda a igreja, que é um verdadeiro mimo. Fez-se a exploração da água e até o próprio *Monte do Povo*, foi rodeado com uma «rota» enorme em toda a sua periferia, com que se facilitava o pastoreio e se defendiam as pastagens do abuso dos povos circunvizinhos. A «rota» é um fosso, ou valado, com metro e meio de fundura e outro tanto de boca que circunda o *Monte do Povo*. Lembra os antigos fossos das fortificações.

Assim como o poder dos reis é simbolizado pelo cetro, bastão da autoridade real, também em *Quintã* o símbolo da autoridade policial é constituído por um bastão de carvalho, com moca no fundo e nó saliente no cimo, à altura do rosto de um homem. No fundo e no cimo, esse respeitável cajado leva dois tufos de pêlos de crinas de cavalo, em forma de cruz, salientes para os quatro lados cerca de dois centímetros. Eis o *Queijato das Barbas* (Figs. 1 e 2).

A pessoa que vai policiar é portadora desse célebre *Queijato* já cheio de história, feito lendário até. Anda pelas casas, de porta em porta. Cada morador no fim do seu dia de guardar

entrega o cajado na casa do vizinho que irá de guarda no dia seguinte ⁽¹⁾.

O *Queijato das Barbas* dá ordens através de quem o empunha. Seja homem ou mulher, velho ou novo aquele que o empunha dá voz de prisão e o atrevido roubador da lenha não tem outro remédio senão obedecer. A lenha é deixada e a rapinante conduzido à presença do regedor.

Algumas vezes têm sido obrigados os ladrões, para emenda de seus abusos a entrar no povo com o molho da lenha às costas.

Alguns, pelos rogos dos delinquentes, movidos à compaixão, toleram que a pessoa não sofra qualquer vexame. Porém se o povo tem conhecimento, sofre tais investivas das línguas maldizentes, que lhe fica para excramenta. E tarde voltará a ser indulgente para os atrevidos que nos molestam e nos depauperam. É que todos sabemos como é que o dono da mata procede para o desbaste cuidadoso em aproveitamento do supérfluo. Agora o ladrão, quando entra na mata, corta sem consciência, não pensa no embelezamento nem no prejuízo. Atira-se como o lobo ao rebanho, apressadamente, como quem tem fome, e como quem espreita o dono.

O *Queijato das Barbas* age com personalidade jurídica; é temido e respeitado. A sua denúncia faz fé, pela honra que as suas barbas representam. Vai nelas o brio e a honra de um povo. Faz fé por si próprio e não carece de testemunhas.

(1) O *Queijato das Barbas* lembra o *Cambito*, que é um símbolo de fiscalização e, ao mesmo tempo, elemento de prova, ou indicador, de que a mesma foi feita. O *Cambito* é um pau com galho na ponta que, em Rio de Onor, é levado todos os dias por um dos membros do *conselho* na vigilância dos *coutos*, lameiros que se estendem à margem do rio e são o grande orgulho dos rionorenses.

Para certeza de que o vigilante vai até ao limite dos lameiros o *mordomo* entrega-lhe um *cambito* que ele leva e deixa espetado, em sítio combinado, na última lameira ou dependurado numa árvore, trazendo o outro *cambito* que lá deixou o vigilante do dia anterior. Um dos *cambitos* é, em geral de choupo e o outro de castanho.

Ver Jorge Dias, *Rio de Onor — comunitarismo agro-pastoril*, Porto, 1953, págs. 172-173.

Quando alguém é surpreendido a roubar lenha na mata, só a fuga o pode salvar. Mas, se daquela escapou, na próxima pagará em dobro.

Foi assim, com estas e outras usanças, que a minha freguesia de Quintã, se conservou como agrupamento muito unido, num ambiente de belas manifestações comunitárias. Goza de uma personalidade especial. E é apontada e apedrejada pelos vizinhos, tal como os garotos fazem à nogueira que tem nozes.

P.^o ANTÓNIO DA EIRA E COSTA
da Sociedade Portuguesa de Antropologia

II Colóquio Histórico-Arqueológico da Região de Chaves

Em 18, 19 e 20 de Fevereiro de 1977, realizou-se em Chaves o 2.^o Colóquio Histórico-Arqueológico da região de Chaves, que, além dos trabalhos que foram apresentados e discutidos, pretendeu ser, por assim dizer, como que o proémio da grande manifestação científico-cultural e cívica, na qual se julga conveniente comemorar condignamente os 1900 anos de AQUAE FLAVIAE, fundada pelo Imperador romano Flávio Vespasiano no século I.

Os dois flavienses Padre Adolfo Magalhães e Dr. Mário Carneiro foram incansáveis na organização deste 2.^o Colóquio, como o foram também na organização do 1.^o Colóquio, em Fevereiro do ano passado.

Estes dois flavienses, da mais pura gema, acalentam no seu espírito a esperança da possibilidade de se realizar em 1978 uma congregação científico-cultural em comemoração do 19.^o centenário da Fundação de AQUAE FLAVIAE.

A estes dois flavienses ilustres há que juntar o Sr. Nuno Gil Pires, prestigioso Presidente da Câmara Municipal de Chaves,